

A IMPORTÂNCIA DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NA ATUALIDADE

The importance of Religious Sciences today

Paulo Mazarem¹
Orlando Martins²

Podereis encontrar uma cidade sem muralhas, sem edifícios, sem ginásios, sem leis, sem uso de moedas como dinheiro, sem cultura das letras. Mas um povo sem Deus, sem oração, sem juramentos, sem ritos religiosos, sem sacrifícios, tal nunca se viu. (Plutarco, filósofo grego)

Resumo: O presente texto pretende traçar a história do estudo do fenômeno religioso para daí mostrar a sua importância na atualidade, encontrando nas Ciências da Religião o seu *leitmotiv*. Pensar a interface Ciências da Religião e Teologia mostrando a distinção entre elas, e conseqüentemente retornar às suas origens mostrando que as Ciências da Religião têm competência e estatuto epistemológico para superar preconceitos e intolerâncias de natureza religiosa, sendo já reconhecida nas universidades da Europa e do Brasil. Além disso, as Ciências da religião atualmente, além de oferecer alfabetização do fenômeno religioso que emerge da experiência humana como dado antropológico, sociológico e existencial, podem também oferecer leituras para o estabelecimento de um cultivo coerente e permanente na via de uma cidadania integral e cosmopolita, percebendo o outro (alter) através de um olhar compreensível não como um estranho (alius), mas tão humano quanto nós.

Palavras-chave: Ciências da Religião; Teologia; Fenômeno Religioso; Heteroreferencialidade.

¹ Pastor, Teólogo, Cientista da Religião e Coordenador da Faculdade Mais de Cristo (FMC). E-mail: pauloreligiologo@icloud.com

² Doutorando em Sociologia (ISCTE). E-mail: pr.orlandomartins@gmail.com

Introdução

Considerar que o fenômeno (a)religioso é uma experiência universal que dinamiza povos, culturas e sociedades até os dias de hoje é fundamental para se entender a importância da(s) experiência(s) (a)religiosas e o(s) impacto(s) dela(s), principalmente nas sociedades tidas como dessacralizadas. Aliás, historiadores destacam que “o homem a-religioso no estado puro é um fenômeno muito raro” (Eliade, 2010. p. 166).

No passado, sobretudo no Ocidente, pensar em alguém *sem religião* era não só inconcebível, como blasfêmico. O ateísmo na Europa do século 16, era não apenas uma realidade distante, mas literalmente inimaginável. Destarte que o ateísmo foi viável do ponto de vista conceitual no Ocidente, somente a partir do século 17 e aceito socialmente a partir dos séculos 19 e 20 de acordo com o historiador francês Lucien Febvre (1878-1956).

“Deus está morto”³ afirmou *Nietzsche!* Sim, será que a metafísica enquanto norteadora de sentido ancorada na teologia, cederia passagem para uma modalidade nova de pensamento? Talvez? A questão é que “Deus” não morreu (mas Nietzsche, sim), nem foi embora, pelo menos os cientistas da religião, antropólogos e sociólogos percebem o quanto o *fator Deus* (deuses, entidades, espíritos, ritos, mitos), como dizia José Saramago⁴, está aí, norteando e sendo fonte de sentido para os mais diferentes grupos de pessoas.

Daí, a necessidade de se refletir sobre o sagrado, o religioso, o triditivo, o ritualístico, o simbólico e o mítico, distinguindo-os, problematizando-os e

³ Nietzsche expressou a sentença “Deus está morto” pela primeira vez no terceiro livro do escrito *A Gaia Ciência*, publicado em 1882. Com esse escrito começa o caminho de Nietzsche em direção à conformação de sua posição metafísica fundamental. Poder-se-ia supor que a sentença “Deus está morto” expressa uma opinião do ateu Nietzsche e é portanto apenas uma tomada de posição pessoal; uma tomada de posição por isso mesmo unilateral e, assim também, facilmente refutável através da indicação de que hoje, por toda parte, muitos homens procuram as casas de Deus e de que subsistem às aflições a partir de uma confiança em Deus determinada de modo cristão. HEIDEGGER, M. A sentença nietzschiana “Deus está morto”. Tradução de Marco Casa Nova. *Natureza Humana* 5(2): 471-526, jul. dez. 2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v5n2/v5n2a08.pdf>> Acesso em: 11 dez. 21

⁴ José Saramago: *Fator Deus*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29519.shtml>> Acesso em: 02 dez. 21

talvez conciliando-os, sem *viés de confirmação*⁵ e com imparcialidade científica. Aliás, que se diga de passagem que as ciências da religião não têm *vocação religiosa*, catequizadora, proselitista e não pretende (des)tradicionalizar, (des)catequizar, desreligiogizar ninguém muito menos salvar alguém.

Não obstante, é importante dizer que ainda existe uma certa confusão entre Ciências da Religião e Teologia, e há quem pense que ambas são iguais, quando na verdade diferem-se enquanto métodos e objetivos.

1. Ciências da Religião X Teologia

As ciências da religião estão marcadas pela *diversidade epistemológica* e como já sinalizado não pretende ser teológica, como bem lembrou Udo Tworuschka: “A Ciência da Religião é a filha emancipada da Teologia”. (USARSKI, 2006, p. 16). Assim, é importante salientar o que distingue uma da outra é a sua metodologia, uma vez que a teologia cristã por muito tempo se comportou como *confessional, proselitista e catequética* defendendo interesses institucionais e por assim dizer, partidários ao passo que às ciências da religião, nasce para tráfegar acima de *um ponto de vista religioso*. Na verdade, sua ambição é caminhar no sentido de um *metaponto* de vista, para múltiplos pontos de vista, que não se restrinjam, apenas ao religioso, mas sobretudo, a aspectos científicos, contemplando em seu *guarda-chuva* o maior número de culturas, tradições, narrativas, filosofias, saberes e teologias possíveis. Como destacou Rodrigues:

[...] a Ciência da Religião consagra-se pela possibilidade de abordar a religião sob diferentes eixos temáticos, os quais representariam as perguntas que a área teria dirigido ao assunto desde seus inícios, como a pergunta pela essência da religião, pela origem da religião, pela descrição da religião, pela função da religião, pela linguagem da religião e pela comparação das religiões (2013, p. 232).

⁵ O *viés de confirmação* é uma espécie de percepção seletiva, quase sempre precedida por mecanismos psicológicos inconscientes que estabilizam a forma como organizamos o nosso repertório cognitivo, operando como uma espécie de pré-persuasão, advinda por sugestões assimiladas *não conscientes* que de alguma maneira *pré-determinam* o nosso *modus pensandi*.

As ciências da Religião até onde se sabe não possuem nem uma missão desencantatória ou (re)encantatória para *homo religiosus, faber, ludens* ou *sapiens*.

Na verdade, sua proposta é apontar para o fenômeno religioso e a partir de um *currículo transdisciplinar* caminhar no espaço *meta* e *pluriconceptual* analisando a *religião ou religiões* em sua polissemia, obsidiando inclusive aquilo que se opõe a ela, a saber: *o ateísmo, agnosticismo* e até mesmo o *laicismo transfestado* em *ídolos na mente* que desembocam naquilo que denominamos de *reifificação epistemológica*⁶.

Nessa categoria cabe muito bem o conceito de Edgar Morin de “ideia-possessão”, uma vez que já não é o sujeito que possui uma/a ideia, e sim a ideia que o possui. De modo que a leitura do fenômeno analisado ao invés de ser descritiva passa a ser prescritiva, fundindo-se imperceptivelmente (a leitura do sujeito) com o objeto que já não é mais objeto de estudo e sim catequese.

O cientista da religião está ciente dessas armadilhas epistêmicas e é por esse motivo que a nada dogmatiza, nem a religião com suas teologias, nem a ciência com seus científicisms, preferindo sempre a imparcialidade como método e modelo explicativo da realidade que a ninguém quer impor, mas expor.

Assim é que as ciências da religião pretendem:

democratizar os espaços e as instituições públicas, dentre elas as escolas e universidades, que são desafiadas a se desprender de visões colonizadoras e ideologias monoculturais /confessionais para assegurarem o princípio constitucional de liberdade de crença, opinião ou convicção. (FLEURI, 2013, p. 191)

É por isso que não faz sentido comparar as *ciências da religião* com a *teologia*, seja ela qual for, uma vez que sua premissa é sempre dialogar e desvelar em certo sentido, processos ocultos pelo olhar viseralizado⁷ quase sempre

⁶ É quando o objeto estudado se torna senhor do sujeito de estudo.

⁷ Viseira é uma espécie de tapa-olhos colocados em alguns animais, como é o caso do cavalo que perde a percepção orbital da realidade que o cerca. O mesmo ocorre com o conhecimento quando se perde a percepção panóptica da realidade.

assediado por questões de natureza valorativa do tipo *certo e errado, bem e mal*. Ou seja, a proposta das ciências de religião, não é apologizar, mas descrever; não é atacar ou defender, mas compreender as cosmovisões sejam elas religiosas ou não.

Enfim, as ciências da religião querem destacar a alteridade para subsumir as diferenças como sendo parte (e não algo à parte) da (con)vivência (des)respeitosa que tem marcado o nosso tempo. Aliás, o que plasma as ciências da religião é o seu pluralismo, sua diversidade, sua ecosofia⁸ na descolonialidade, na estética, na dialogicidade, na ética, na humanidade, na hermenêutica, na história, na literatura, na teologia, na filosofia, na psicologia, na sociologia, na antropologia, na economia, nas epistemologias, etc.

2. A história das Ciências da Religião

Até onde se sabe o estudo sobre a *religião* é muito antigo, todavia, entende-se que nenhum saber pode deter em si o *monopólio explicativo da realidade*. Embora o estatuto epistemológico de muitas ciências seja recente, como é o caso da sociologia, antropologia e afins, elas surgem para responder questionamentos (nem sempre respondidos) e atender a demandas de natureza sempre humana. Assim, se a *sociologia* pode definir como objeto de estudo a *sociedade*, a *antropologia* “o *homem*” e a *biologia* a “*vida humana*”, para responder à questão da fenomenologia da religião, era necessária uma ciência que oferecesse chaves de leitura (a fim de explicar sem nenhum comprometimento institucional religioso) para clarificar as múltiplas leituras que regem o rico universo simbólico e existencial das mais variegadas formas de crenças. Note que aqui, não usamos o conceito “crença” como sendo inferior à fé ou superior

⁸ CORDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. A Ecosofia e as três ecologias de Félix Guattari na formação do sujeito ecológico. Disponível em: < <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/13/30/a-ecosofia-e-as-trecircs-ecologias-de-fecirclix-guattari-na-formaccedilatildeo-do-sujeito-ecoloacutegico> > Acesso em: 02 dez. 21

a esta, mas como um signo que perpassa todas as formas e expressões (não) cúlticas, sejam estas religiosas ou não, a fim de contemplar o *modus pensandi* de qualquer grupo que se organize numa dimensão coletiva, a fim de prestar culto, devoção ou oferendas a (um) Deus, deuses, orixás, santos etc.

Não obstante, entende-se que é mais fácil *definir* o que é *religião*⁹ do que *conceituá-la*, uma vez que *definir* é *dogmatizar, delimitar, por fim* ou dar por encerrado o/um assunto, ao passo que *conceituar* é questionar (olhar um/o termo em seus muitos lados) é estar aberto à possibilidade de ressignificações e edições próprias das ciências que sabem que não são oniscientes, e que num ato de humildade socrática “do tipo só sei que nada sei” está sempre aberta e inconclusiva, à procura de (novas) respostas advindas pelo/do contexto e das problematizações que dele decorrem.

Por certo, o conceito “ciências da religião” (Religionwissenschaft) aparece na metade do século 19 (firmando-se como disciplina acadêmico-científica em meados de 1870) sendo introduzido por Friedrich Max Müller (1823-1900).

Esse linguista alemão, que construiu toda a sua carreira em Oxford, na Inglaterra, foi, para as línguas indo-europeias, o que seu contemporâneo e amigo, Ernest Renan, significou para as línguas semíticas. Foi o fundador da Mitologia Comparada sobre bases metodológicas filológico-linguísticas e, à semelhança do supramencionado erudito francês, sua reflexão orbitou em torno não de um objeto apenas, mas de três: o pensamento e a linguagem, concebidos como as duas faces de uma mesma realidade, através dos estudos em Ciência da Linguagem; o mito, por meio de uma Mitologia

⁹ A palavra origina-se do latim *religio*, um termo que foi empregado mais tarde sem precisão alguma, com muitos significados, inclusive por um mesmo autor. De qualquer forma, seu significado primitivo, que persistiu, no mínimo, até que a vida romana, religiosa e secular, passou a sofrer a poderosa e transformadora influência da Grécia, era muito mais restrito e específico do que aquele que recebeu mais tarde. Não há consenso entre os pesquisadores modernos se o termo designava inicialmente um poder externo ao ser humano, uma espécie de tabu, que o obrigava a um certo comportamento sob pena de receber um terrível castigo, ou o sentimento humano diante de tais poderes (ou de fato, se as conotações religiosas representam desdobramentos secundários a partir de uma palavra originalmente secular). (SMITH, 2006, p. 30-31)

É importante ressaltar que o trabalho de Max Müller foi fundamental para aquilo que hoje conhecemos como “Ciências da Religião”. Aliás, ele é considerado o fundador dessa ciência (FILORAMO; PRANDI, 1999, p. 7). Apesar de sua paternidade científica nas ciências da religião, Müller foi um adversário do positivismo (o que nos soa como um disparate), uma vez, que para ele, não se pode voltar à história seguindo às leis hegelianas, muito menos àquela estratificada por Comte dos três estágios, antes se deve considerar a tese de que onde existe pensamento, existe linguagem, de modo que a filologia é a chave para se compreender a história das religiões. Ou seja, para Max Müller, de acordo com RIES:

[...] o estudo das religiões do mundo nada mais é do que o estudo das diferentes linguagens que o homem usou para falar ao seu Criador nos diferentes períodos da história. A verdadeira história do homem é, portanto, a história da religião. (2019, p. 769)

Entretanto, é preciso distinguir ciências da religião de história da religião, uma vez que ambas são autônomas e emancipadas no contexto científico. Como bem sinalizou Carvalho:

A História e a Ciência da Religião consistem em duas disciplinas, compreendidas no campo das Ciências Humanas, cujos processos de constituição acadêmica remontam ao século XIX – uma época marcada pela busca pela autonomização dos saberes, seja por meio do estabelecimento de critérios de normatividade, como foi o caso da História, seja por intermédio da reivindicação de um espaço disciplinar novo, conforme ocorreu com a Ciência da Religião. (2017, p. 31)

No Brasil, tem-se uma discussão que está para além da história da religião, mas sobretudo na terminologia adequada, isto é, do conceito que melhor expressa aquilo que essa ciência se propõe a estudar. De modo que há quem fale em Ciência da Religião (GRESCHAT, 2005); Ciências da Religião

(TERRIN, 2003) e ainda Ciências das Religiões. (FILORAMO, PRANDI, 1999).

3. As Ciências da Religião na atualidade e a sua importância

O preço pago pelo *analfabetismo do fenômeno religioso* quase sempre é intolerância, desrespeito, violência física e, conseqüentemente, morte. A título de informação destacaremos a distinção entre o *alter* e o *alius*. O *alter* significa “outro” ao passo que *alius* significa “alienígena”, “alienado” e conseqüentemente “estranho ou estrangeiro”. Ou seja, aquele que não é daqui ou aquele que não é como nós cuja equivalência na língua inglesa encontra o seu auge na expressão *foreigner*. É preciso lembrar que o homem só se torna eu em sua relação com o tu (BUBER, 2001) mas só é completo na relação do nós (LÉVINAS, 1988). Por certo não se respeita o que não se conhece e podemos sem nenhum paralogismo afirmar que a humanidade já presenciou em detrimento desse analfabetismo momentos tétricos. Como afirmou Voltaire:

Ninguém na Holanda receia mais que as disputas de um Gomar sobre a predestinação levem a decepar a cabeça de um grande. Ninguém em Londres teme que as querelas dos presbiterianos e dos episcopais por uma liturgia e por uma veste litúrgica derramem o sangue de um rei no cadafalso. A Irlanda, povoada e rica, não verá mais seus cidadãos católicos sacrificar a Deus durante dois meses os cidadãos protestantes, enterrá-los vivos, enforcar as mães, amarrar as filhas no pescoço das mães e vê-las expirar juntas; abrir o ventre das mães grávidas, extrair os filhos semiformados e dá-los de comer aos porcos e aos cães; colocar um punhal na mão dos prisioneiros algemados e empurrar os braços deles contra o ventre de suas mulheres, de seus pais, de suas mães, de suas filhas, imaginando torná-los reciprocamente parricidas e condená-los todos, exterminando-os a todos. (2006, p. 25)

Embora os tempos sejam outros, não podemos ser ingênuos em pensar que a violência, o desrespeito e o preconceito sejam coisas do passado. E por falar em *preconceito religioso* cabe aqui uma nota sobre este “conceito” pré-concebido, não refletido, não ponderado e sobretudo reativo que leva pessoas

a comportamentos e atitudes *religiosóficas* tão presentes em pessoas preconceituosas. De fato, qualquer “forma de preconceito” deve estar suspensa naquilo que a fenomenologia chama de *epoché*¹⁰.

Ora, “as religiões são intermitentemente úteis, eficazes e inteligentes demais para ser(em) deixadas somente para os religiosos”, afirmou o filósofo Suíço *Alain de Botton* em sua obra “Religião para Ateus¹¹”. Embora a afirmação não passe de uma provocação filosófica é importante ressaltar que o filósofo tem em mente um currículo extremamente vasto, plural e alteritário (próprio das religiões) que ao ser considerado, refletido e pensado nas suas múltiplas cosmovisões, não só enriquecem a mente fornecendo experiências epistemológicas inauditas, como ampliam a nossa percepção da diversidade antropológica influenciada e até porque não dizer muitas vezes determinada pela(s) religião(ões). E por isso ele conclui destacando que “a sabedoria das fés pertence à humanidade toda, até mesmo aos mais racionais dentre nós, e merece ser reabsorvida de forma seletiva pelos maiores inimigos do sobrenatural¹²”.

Em suma, o esforço realizado por *Botton* (enquanto ateu professo) em reconhecer a importância do conhecimento do fenômeno religioso para os que não acreditam na religião - os ateus - é salutar para a superação de preconceitos, ao mesmo tempo em que suas convicções seculares não eliminam as oportunidades de autorreflexão propiciadas pelo estudo científico das religiões. Em vista disso, mais do que nunca se faz necessário e por que não dizer

¹⁰ Epoché (εποχή) é um termo grego que significa "parada", "obstrução" e foi muito utilizado na filosofia cética. A Górgias (séc. IV a.C.), um dos representantes da sofística grega, é atribuída a postura conhecida como cética. Outro grego, Pirro, acompanhante de Alexandre Magno em suas viagens de conquistas ainda naquele século, veio a conhecer muitos povos com diferentes valores e crenças. O que passou desde então a caracterizar o pensamento conhecido como cético, que, confrontando a diversidade das convicções que animavam os homens, bem como diferentes filosofias tão contraditórias, foi o abster-se, no final, de aderir a qualquer certeza. O cético, que vem de skeptikó, em grego, que significa "quem observa"; "quem considera", conclui, nos casos mais radicais, pela impossibilidade do conhecimento; e nas tendências mais moderadas, pela suspensão provisória de qualquer juízo. NASCIMENTO, C. L. A centralidade da epoché na fenomenologia Husserliana. Disponível em: < <https://www.ifen.com.br/artigos/artigo02.pdf> > Acesso em: 10 dez. 21.

¹¹ BOTTON, 2022, p. 261

¹² BOTTON, op. cit.

improtelável o estudo do fenômeno religioso, cabendo às Ciências da Religião essa incumbência. Com bem lembra Paulo Mendes Pinto:

A religião é provavelmente um dos campos no qual que desenvolvem ideias feitas com maior facilidade e com a mais surpreendente inconsciência de erro. Julgamos conhecer suficientemente a cultura religiosa dominante no nosso país, e em verdade pouco dela sabemos; supomos compreender as outras religiões com as quais lidamos interna ou externamente, nada mais de errado. Mesmo entre os profissionais do culto, o nível de conhecimento sobre a evolução histórica do universo religioso em que estão mergulhados é, por vezes, quase inexistente, o que é assustador. Sobre a visão do outro reina quase sempre um abismo apenas superado por pequenas elites. (2005, p. 15)

De fato, o conhecimento é o primeiro passo a ser dado na direção de um olhar compreensível do outro (alter) que não é estranho (alius), mas tão humano quanto nós.

Conclusão

57

A sociedade humana necessita romper com o ciclo de discriminação, da exclusão e do preconceito, seja ele qual for. Compreende-se que as Ciências da Religião têm muito a contribuir nas discussões que permeiam o assunto e pode, sobretudo, construir pontes onde reinam muros. Como disse Boaventura de Souza Santos:

temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”. (SANTOS, 2003, p. 56).

Portanto, entende-se que as Ciências da Religião atualmente, além de oferecer alfabetização do fenômeno religioso que emergem da experiência humana como dado antropológico, sociológico e existencial, podem também

oferecer leituras para o estabelecimento de um cultivo coerente e permanente na via de uma cidadania integral e cosmopolita.

Atualmente “cientistas de diversas disciplinas das ciências humanas que lecionam juntos ciência(s) da religião na pós-graduação, falam de suas experiências e das perspectivas para o futuro. Eles visam, em conjunto, trabalhar a questão da afirmação desta área no Brasil, a sua pertinência e os seus desafios¹³”.

Na Europa temos o mesmo movimento, como nos lembra Hermann Brandt:

Essa busca de reconhecimento da ciência da religião como disciplina universitária própria espelha o fato de que as “ciências da religião” são amplamente desenvolvidas por sociólogos, filósofos, etnólogos e teólogos e, por conseguinte, o desiderato de tirar a(s) ciência(s) da religião dessa dependência e determinação alheia. Neste ponto é perfeitamente possível traçar linhas de conexão com a situação da ciência da religião na Europa (2006, p. 122)

58

Em suma, em muitos lugares, quer no Brasil quer na Europa temos inúmeros pesquisadores, cientistas e pensadores superando concepções positivistas a respeito da religião, voltando-se para o estudo do fenômeno religioso com um olhar científico - não menos científico do que aquele proposto por Comte, visando contemplar e ampliar através da pesquisa, “culturas, tradições e cosmovisões” que foram simplesmente relegadas à periferia da história e percebidas (no passado) como obsoletas e ultrapassadas.

Portanto, é por esse motivo (e tantos outros) que as ciências da religião podem contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade que reconheça o lugar da transversalidade, transdisciplinaridade e acima de tudo das diferenças

¹³ TEIXEIRA, Faustino (Ed.). A(s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

epistêmicas, sejam elas em que âmbito forem. É preciso lembrar o que disse Boaventura:

[...] a diversidade epistemológica do mundo é potencialmente infinita. Esta auto-reflexividade é assim, a descoberta da heteroreferencialidade. Constitui o primeiro passo para o reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo. (SANTOS, 2005, p. 97)

Enfim, não se pode ignorar nada do que é necessariamente humano, e nesse sentido as Ciências da Religião abrigam em seu receptáculo epistemológico todas as possibilidades passíveis de saberes e de investigação e pesquisa, tratando dados e (re)interpretando-os no universo acadêmico, mostrando a sua importância e ao mesmo tempo a sua sólida e perene posição num mundo que está longe de se abster da(s) religião(ões).

Referências:

BRANDT, Hermann. As ciências da religião numa perspectiva intercultural. Estudos Teológicos, v. 46, n. 1, p. 122-151, 2006. Disponível em: < http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos-teologicos/vol4601_2006/et2006-1lhbrandt.pdf > Acesso em: 11 dez. 21

BUBER, Martin. **Eu e tu**. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciências da Religião**: polêmicas e interlocuções. – 1. ed. – São Paulo: Paulinas, 2008.

CARVALHO, Flávio Rey de. História das Religiões seria História ou Ciências da Religião? Uma reflexão sobre questões metodológicas ligadas a essas disciplinas na transição dos anos 1860-1870. *Sacrilegens, Juiz de fora*, v. 14, n. 1, p. 31-50, jan-jun/2017

CAMPOS, Fabiano Victor. **Max Muller e a Ciência da Religião**. [s.n.] 2020. Disponível em: < <https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-19/max-muller-e-a-ciencia-da-religiao/> > Acesso em: 06 dez. 2021

DURKHEIM, Émile. **As formas Elementares da vida Religiosa: O sistema totêmico na Austrália**; Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. – (Coleção Tópicos). p. 13.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2005.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**, a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 166

ENGLER, S. **Teoria da Religião Norte Americana: Alguns Debates Recentes**. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_engler.pdf >. Acesso em: 02 dez. 21

FLEURI, R. M. **Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver...** [et al] (orgs). Blumenau: Edifurb, 2013. p. 191

GOMES, A; RODRIGUES, C. **Epistemologia do Objeto de Estudo e Pesquisa das Ciências da Religião** (Um Estudo de Caso). Disponível em: < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21856> >. Acesso em: 02 dez. 21.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 1999.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Diálogos com Philippe Nemo. Lisboa: Edições 70, 1988.

MARQUES, Ângela; ROCHA, Marcelo. **Memórias da fase inicial da Ciência da Religião no Brasil** - Entrevistas com Edênio Valle, José J. Queiroz e Antonio Gouvêa Mendonça. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv1_2007/p_entrevista.pdf >. Acesso em: 02 dez 21.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Ciências da Religião, afinal do que estamos falando?** In: GOMES, Antonio Maspoli de Araujo et al. Teologia, ciência e profissão. A identidade, a formação e o campo de atuação profissional do Teólogo no Brasil. São Paulo: Fonte, 2007.

MORIN, Edgar. O método 4: **as ideias: habitat, vida, costumes, organização**; tradução Juremir Machado da Silva. 5ª Ed. - Porto Alegre: Sulina, 2011.

O livro da Filosofia/ [tradução Douglas Kim]. – São Paulo: Globo, 2011.

RODRIGUES, Elisa. **Questões epistemológicas do ensino religioso**: uma proposta a partir da ciência da religião. Interações – Cultura e Comunidade, Belo Horizonte, v.8, n.14, p. 230-241, jul./dez., 2013. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6375> > Acesso em: 02 dez. 21

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 56.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 97

USARSKI, F. **Constituintes da Ciência da Religião**: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. – São Paulo: Paulinas, 2006. p. 16

PASSOS, J.D; USARSKI, Frank. A história da ciência da religião. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura* – Ano X, n. 47. ISSN 1809-2888. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/cienciadareligiao/usarski-historia-da-ciencia-da-religiao.pdf>> Acesso em: 02 dez. 21

SMITH, Wilfred Cantwell. **O Conceito de Religião**, São Leopoldo, Sinodal, 2006.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

VOLTAIRE, 1694-1778. *Tratado sobre a tolerância*; tradução Antonio Geraldo da Silva. – São Paulo: Escala Educacional, 2006.